



Revista Filosofia Capital
ISSN 1982 6613

Vol. 4, Edição 9, Ano 2009.

**MELETE THANATOU: AS APROPRIAÇÕES REALIZADAS PELA
TERAPIA EXISTENCIAL DAS PRODUÇÕES FILOSÓFICAS EXISTENCIALISTAS
RELATIVAS À MORTE E AO MORRER**

Edson Renato Nardi

vitabreve@hotmail.com

Araraquara - SP

2009



**MELETE THANATOU: AS APROPRIAÇÕES REALIZADAS PELA
TERAPIA EXISTENCIAL DAS PRODUÇÕES FILOSÓFICAS EXISTENCIALISTAS
RELATIVAS À MORTE E AO MORRER**

Edson Renato Nardi¹

vitabreve@hotmail.com

RESUMO: Buscaremos neste artigo, realizar uma análise das apropriações e releituras realizadas pela corrente psicoterapêutica intitulada Terapia Existencial advindas das reflexões perpetradas pelo Existencialismo relativas aos fenômenos da morte e do morrer. Para tanto, optamos inicialmente por realizar uma breve exposição das justificativas desta escolha, logo a seguir, buscaremos apresentar a importância dada a estes fenômenos manifestadas em produções de outras áreas de conhecimento e na Filosofia para, logo a seguir, nos dedicarmos a ilustrar as apropriações realizadas por esta vertente psicoterapêutica das produções filosóficas existencialistas.

Palavras-chave: Terapia Existencial – Filosofia – Psicoterapêutica.

No que tange à nossa justificativa, está se dá, pela constatação na realidade contemporânea do quanto os fenômenos da morte e do morrer assombram as mentes e reflexões na sociedade ocidental. Tal constatação pode ser sentida na busca quimérica da medicina com o intuito de se prolongar a vida, amenizar as dores da morte ou, por outro lado, nas produções literárias e de ficção que trazem em seu bojo, a referência à imortalidade humana. Além disso, tivemos recentemente algumas publicações literárias de autoria do psicólogo existencial Yrving Yalom que encontraram eco e leitores tanto no público em geral quanto em filósofos, ainda que estes últimos acabassem por muitas vezes tecer uma série de críticas às possibilidades e interpretações aventadas pelo autor em relação a grandes filósofos contemporâneos tais como Nietzsche e Schopenhauer. Destes elementos, acabamos por compartilhar junto com Deurzen (2002) a certeza de que “os pólos mais significantes sobre o mapa da existência são vida e morte, ser e não ser, presença e ausência” (p. 54).

Ainda em relação a isso, acreditamos que a presença da *finitude* é um elemento que

¹ Mestrando em Educação pela UNESP Araraquara - Especialista em Violência contra Crianças e Adolescentes pela USP - Graduado em Educação Física e Filosofia.



beira a maioria das reflexões e produções humanas, isto porque, tal assunto, apresenta-se direta ou indiretamente na quase totalidade de nossas reflexões. Uns dos exemplos que nos apoiamos para apresentar estas conclusões manifestam-se, por exemplo, nas idéias de Malpas (1998) quando este autor diz que:

É precisamente porque nós não podemos jogar sobre uma série ilimitada de escolhas, uma infinita série de possibilidades, que as escolhas que nós fazemos tornam-se tão importantes para nós; estas escolhas estabelecem o caráter e identidade de nossas vidas; elas certamente providenciam certos elementos para se apresentarem como valorosas; elas estabelecem uma certa ordem e orientação dentro do mundo. É talvez por esta razão que a idéia da imortalidade pode servir para vincular uma perda de significado de vida, mesmo uma forma de aborrecimento. (p. 131).

Como se percebe, a *finitude* é, implicitamente, um elemento a dar sentido a certas escolhas e atitudes humanas e, em razão disso, pretendemos demonstrar que este é um tema *par excellence* de reflexão ao longo do tempo e que esta preocupação não se limita ao nosso momento histórico, mas, mais que isso, compôs um pano comum de vários momentos das produções culturais humanas.

Para começarmos nossa breve visita a algumas produções culturais que, ao longo do tempo, buscaram em seu cerne tratar da questão da morte, optamos inicialmente em nos dedicarmos a analisar a Arte, dado o fato de que esta área de conhecimento busca manifestar facetas de nossa subjetividade e imaginação criativa, sendo uma testemunha incontestada dos elementos volitivos subscientes presentes no Homem.

Especificamente neste artigo, consideramos oportuno apresentar um movimento artístico que buscou explicitamente tratar do tema por nós ensejado, isto porque no movimento das artes plásticas intituladas de arte *vanitas*, a morte e o morrer, foram os elementos centrais impulsionadores desta faceta da pintura. Este termo refere-se a um estilo simbólico de pintura sobre a vida que surgiu em meados dos séculos XVI e XVII nas regiões de Flandes e Holanda

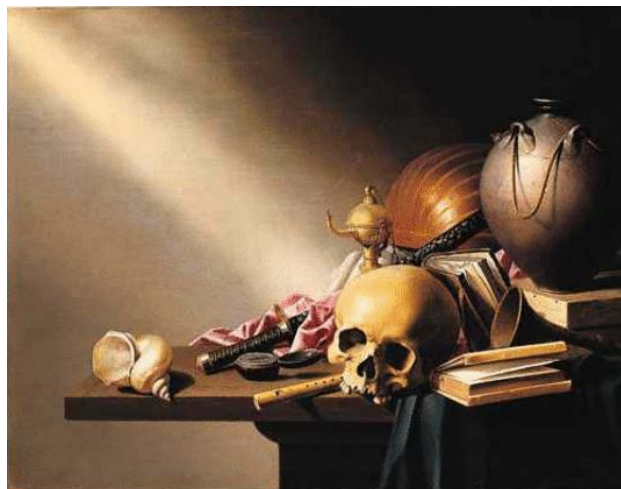
Os elementos que acabaram por gerar esta terminologia advieram do livro de Eclesiastes no Velho Testamento (1:2) e remete a já icônica frase latina: *vanitas vanitatum et omnia vanitas*, ou seja “vaidade das vaidades, tudo é vaidade”.

Neste tipo de produção artística, estava presente a tentativa de buscar sensibilizar o homem sobre as suas escolhas éticas, mediante a apresentação, em suas obras, da presença da morte e, por outro lado, tal elemento era contraposto a símbolos da produção cultural humana e também, alguns produtos de consumo humano que, diga-se de passagem, compõe o rol dos



desejos humanos até a atualidade. Ao fazer tal contraposição seus autores buscavam conclamar a quem viesse a ter contato com tais obras, a repensar suas opções, sobretudo materiais. Para que o leitor possa navegar por estas naus de expressão artística, apresentamos a figura abaixo enquanto exemplo emblemático dos elementos presentes neste tipo de arte:

Nesta obra de Harmen Steenwyck (1612 - 1659) realizada em 1640, temos um exemplo característico da arte *vanitas*. O livro simboliza o conhecimento humano, o instrumento musical (flauta doce, parte de um instrumento de sopro, alaúde) os prazeres dos sentidos. A espada japonesa e a ostra simbolizam a saúde. O cronômetro e lâmpada que expira realizam a alusão à transitoriedade e fragilidade da vida. Tudo é dominado pela caveira, o símbolo da morte.²



Como se percebe no exemplo acima há uma forte crítica a alguns elementos hedonistas e a possibilidade post-mortem de transcendência nas ambições humanas, posto que, em ambos os elementos, a morte aparece como barreira final e intransponível.

O mesmo pode ser visto na literatura, isto porque, este tema perpassa escritores, escolas e estilos os mais variados e, em razão disso, fizemos uma breve seleção de alguns escritores e obras emblemáticas dessa temática. Para começarmos nossa viagem pela nobre arte da escrita, optamos inicialmente por apresentar algumas das obras do escritor russo Leon Tolstói (1828-1910). Este célebre escritor realista, inspirador de Gandhi na sua resistência pacífica ao domínio inglês e autor das já clássicas e formidáveis obras *Ana Karenina* e *Guerra e Paz*, soube como ninguém tratar da temática da morte e de suas conseqüências à existência humana posto que, em obras tais como “*Senhores e Servos*” ou em “*A morte de Ivan Ilitch*”, há uma preocupação em mostrar, o quanto a afirmação do indivíduo e de sua existência, passa pelo enfrentamento e compreensão do fenômeno da morte. No que tange à primeira obra citada é possível perceber as mudanças pelas quais passa o personagem Vassili Andreítch, personagem este que encarna o materialismo explícito em todas as suas cores e tons e que,

²Fonte: [http://silencio.weblog.com.pt/images/eyes/Harmen_Steenwyck,_An_Allegory_of_the_Vanities_of_Human_Life\(1640\).GIF](http://silencio.weblog.com.pt/images/eyes/Harmen_Steenwyck,_An_Allegory_of_the_Vanities_of_Human_Life(1640).GIF). Acesso em: 29 de setembro de 2007.



diante da derradeira aparição da morte, na medida em que é vítima de uma grande nevasca, acaba por triunfar perante ela quando se desvencilha de seu medo e opta por salvar o seu servo Nikita em detrimento de si mesmo. Quanto à segunda obra, nela nos deparamos com o juiz Ivan Ilitch e as mudanças pelo qual passa na medida em que detecta uma doença e, na medida em que esta avança, percebe o quanto o mundo e as pessoas adquirem uma nuance tão diferente ao passo que a morte se aproxima e, tal como em *Senhores e Servos*, o grande ápice também está no fim, posto que a aceitação serena do fato da morte lhe dá uma força e uma coragem que até então não tinha.

Ainda na literatura, outra produção que consideramos emblemática relativa a este tema, pode ser encontrada na obra “*Os Imortais*” de Jorge Luis Borges (1889-1986), isto porque, na referida obra, o autor consegue desconstruir de forma brilhante o sonho quimérico que temos relativo a imortalidade, na medida em que nos mostra que é, exatamente a mortalidade, o instrumento impulsional que dá sentido à vida e ao viver e se viéssemos a adquirir a imortalidade, a vida perderia seu sentido. Nela, temos o relato das aventuras do antiquário Joseph Cartaphilus, de Esmirna e este em suas viagens acaba por se deparar com a cidade dos Imortais. Esta se apresenta inicialmente ao personagem como maravilhosa dada a magnitude de sua arquitetura, no entanto, na medida em que avança em sua peregrinação pela cidade, descobre que, quanto mais avança, mais as construções se tornam disformes e sem sentido. Tal caminhar representa o processo pelo qual passam os mortais, na medida em que estes, quando adquirem a eternidade passam a conceber e realizar todas as maravilhas de seus sonhos e possibilidades na medida em que ecoar do tempo não os aflige mais, no entanto, na medida em que o tempo passa, todas estas produções passam a perder o seu sentido, pois o fazer e produzir estavam vinculados estritamente à mortalidade. Ao se deparar com este paradoxo Cartaphilus nos diz “ “Este palácio é obra dos deuses”, pensei primeiramente. Explorei os inabitados recintos e corrigi: “Os deuses que o edificaram morreram”. Notei suas peculiaridades e disse: “Os deuses que o edificaram estavam loucos”.” (BORGES, 2009, s/p).

Para surpresa deste personagem ao fim de sua busca, este se depara com seres que mais parecem trogloditas e, para sua surpresa, na verdade são os Imortais, o que leva este personagem a afirmar que:

A morte (ou sua alusão) torna preciosos e patéticos os homens. Estes comovem por sua condição de fantasmas; cada ato que executam pode ser o último; não há rosto que não esteja por dissolver-se como o rosto de um sonho. Tudo, entre os mortais, tem o valor do irrecuperável e do inditoso. Entre os Imortais, ao contrário, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível, ou o fiel



presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem. Não há coisa que não esteja como que perdida entre infatigáveis espelhos. Nada pode ocorrer uma só vez, nada é preciosamente precário. (BORGES, 2009, s/p).

Por fim, ainda em nossa introdução sobre este tema, no que tange à Filosofia, bem o sabemos que o trato e a importância da morte na seara filosófica não tem sido diferente, podemos vê-la enquanto fonte de inspiração para Sócrates no diálogo platônico Fédon, quando argumenta que aqueles que filosofam, no reto sentido da palavra, se exercitam em morrer (hoi horthōs philosophountes apothnēskēin meletōsin). Para o criador da *maieutica*, o ato de filosofar é um longa preparação para a morte, um engajamento, tal como o exercício de um atleta, realizamos um “exercício para o morrer” o *melete thanatou*. Posicionamento semelhante é percebido no texto do pensador romano Cícero (106 a.C.- 43 a.C.), ao afirmar em sua obra “Disputas Tusculanas” que toda a filosofia é uma *meditationis mortis*. Por fim, citamos ainda, entre outros, a presença da morte nas entrelinhas do sentimento de angústia tal como foram expressas por Blaise Pascal (1623-1662), na medida em que nossa animalidade finita gera em nós uma angústia existencial que virá a ser nossa eterna companheira.

No entanto, é com o advento do Existencialismo, sobretudo em pensadores da existência tais como Kierkegaard, Nietzsche e, em especial, Heidegger e Sartre, que se vislumbra toda uma sistematização ontológica que tem como elemento originário e estimulador a presença do Não Ser. Nesta perspectiva existencial, este tema se desenvolveu de forma mais ampla, onde a morte é ela mesma, fonte do qual o ser humano se relaciona com a angústia, um sentimento, uma tonalidade afetiva, enfim, uma vacuidade que nos acomete quando nos deparamos com o nada.

Especificamente em Heidegger, um dos mais notáveis pensadores do século XX, tem o conceito do ser-para-a-morte, manifestada na sua máxima *sein-zum-tode* e que afirma que:

Da mesma forma que a pre-sença, enquanto é continuamente já é o seu ainda-não, ela também já é sempre o seu fim. O findar implicado na morte não significa o ser e estar-no-fim da pre-sença, mas o seu ser-para-o-fim. A morte é um modo de ser que a presença assume no momento em que é. (HEIDEGGER, 1995, p. 26).

Para nós, à luz deste texto, acreditamos que a morte é um dos traços característicos do *dasein* (ser-ai) manifestado no homem entendido como um “poder-ser”, um ser especial pelo critério que possui, pelo cuidado que tem por sua existência, que se desenvolve no mundo a partir de suas próprias escolhas. O homem produz um sentido de sua existência, o entende e se revela no mundo. A morte, no entanto, é uma possibilidade para o *Dasein*, para o



ser do homem que está lançado no mundo, representa a única possibilidade que nega a todas às demais possibilidades, e tem uma carga de inevitabilidade, pois é insuperável. O compreender a morte como uma possibilidade nos dá um sentido em nossa vida, pois nos faz descobrir o valor desta em nós. Ao compreendermos não só a nós, mas também ao que pode nos acontecer, tal ato permite-nos compreender aos outros e co-existir com eles, apreciá-los, enfim, tornarmo-nos humanos.

Já, para o também existencialista Jean-Paul Sartre (1905-1980), a morte adquire novos contornos, tais podem ser percebidos na sua principal obra (e uma das mais complexas) “O Ser e o Nada”, nesta, além de tecer contribuições para a reflexão sobre este conceito, o filósofo francês ataca também, um dos elementos que costumeiramente usamos para enfrentar este fato, referimo-nos à religião, na medida em que formula neste livro, as bases do existencialismo ateu.

Em seu texto, Sartre realiza uma censura aos idealistas que crêem que a morte é o fenômeno último da vida, sendo, todavia vida, dando à morte o sentido fatídico e pleno do morrer. Para nós, fica patente nesta obra, a tentativa de demonstrar o absurdo que é o morrer, esta chega sem aviso e priva-nos de nossa liberdade. Para este pensador, esta possibilidade inevitável é o que dá sentido à vida, nisto é inflexível, e posto que a morte não apareça, assim, sobre o fundamento da liberdade tira da vida toda a significação. Deste modo a morte é vista como outro nome para o término da vida, tal como se vê abaixo:

(...) o nada, que não é só pode ter existência emprestada: é do ser que tira o seu ser, seu nada de ser só se acha nos limites do ser, e a total desaparecimento do ser não constituiria o advento do reino do não-ser; mas, ao oposto, o concomitante desvanecimento do nada: não há não ser salvo na superfície do ser. (SARTRE. 2002, p.58).

Com isso, Sartre apresenta uma visão negativa diante do contato com a possibilidade da morte, parafraseando o conceito do ser-para-a-morte de Heidegger, Sartre cria o conceito de ser-para-o-nada, ou seja, ela é um grande absurdo, o espaço derradeiro, o término de todas as possibilidades, tais elementos podem ser vistos na introdução que o filósofo francês realizou na obra “A Peste” de Albert Camus, quando ao tratar sobre a temática da morte afirmou que o:

(...) absurdo fundamental manifesta antes de tudo um divórcio: o divórcio entre as aspirações do homem à unidade e o dualismo intransponível do espírito e da natureza, entre o impulso do homem em direção ao eterno e o caráter finito de sua existência, entre a “preocupação” que é a sua própria



Em razão do exposto, concluímos neste primeiro momento que o não ser manifestado no conceito da morte é tema caro ao Existencialismo e que, ainda que para Heidegger e Sartre o advento da morte seja algo inevitável, a forma como nós lidamos com ela, pode fazer com que venhamos a exercitar uma existência plena de significação autônoma.

É a partir destes elementos que irá se debruçar a prática psicoterapêutica denominada Terapia Existencial, terminologia esta, fundada nos trabalhos na Suíça de Ludwig Binswanger (1946) e Medard Boss (1957) na Áustria, Viktor Frankl (1951) e Karl Jaspers (1964) na Alemanha.

Para Spinelli (2005) esta prática psicoterapêutica tem, enquanto seu objetivo básico “oferecer os meios ao indivíduo para examinar, confrontar, clarificar e repensar seu entendimento da vida, os problemas encontrados ao longo de sua vida, e os limites impostos sobre as possibilidades inerentes ao ser-no-mundo”. (p. 127).

Um primeiro elemento a ser apresentado em relação a estas correntes é a de possibilidade de se dividir suas condutas em relação à vida, a partir de duas possibilidades distintas. A primeira, representada, tal como apresentamos acima por Jean Paul Sartre, não vê nenhuma possibilidade de respostas finais ao significado de nossas existências, tendo em razão disso, elementos ateístas e, em alguns momentos, nihilistas. Na teoria psicoterapêutica, seu principal representante é Irving Yalom.

Já a segunda, inspirando-se em pensadores existencialistas tais como Soren Kierkegaard e Paul Tillich apresentam uma possibilidade, digamos mais otimista, na medida em que apresenta algumas possibilidades de respostas ao sentido de nossas vidas, tal se dá, em razão, dentre outras, à sua influência espiritualista e pode ser percebida nas obras de Rollo May e Viktor Frankl.

Dirimidas as suas diferenças essenciais, iremos nos ater agora aos elementos de congruência, e estes foram muito bem delineados por Irving Yalom. No Brasil, este autor ficou conhecido pelas suas obras literárias de divulgação da teoria, manifestada em best-sellers tais como *Quando Nietzsche Chorou* e *Mentiras no Divã*. Paradoxalmente, embora este autor veio a ser conhecido no Brasil somente a partir de sua verve literária, este tem sido referência internacional no que tange às práticas psicoterapêuticas existenciais e o seu livro de maior importância *Existential Psychotherapy* (1980) até o momento ainda não recebeu a publicação devida em terras brasileiras. Foi nesta obra que o autor delineou os elementos centrais sobre o qual se debruça esta prática terapêutica, elementos estes, manifestados em



quatro aspectos: morte, isolamento, liberdade e ausência de significação. Como vocês podem perceber, estes quatro conceitos carregam consigo uma série de associações ao Existencialismo posto que estes sejam temas corriqueiros tratados por esta vertente filosófica.

Especificamente em relação ao tema da morte, poderíamos sintetizar a postura terapêutica existencial à partir da conduta conclamada por Corey “se nós afirmamos a vida e vivemos o presente tão inteiramente quanto possível, nós não ficaremos obcecados com o fim de nossas vidas” (p. 153), ou seja, se há uma existência autônoma plena, a morte deixa de ser empecilho de horizonte para a vida.

Contudo, o tema da morte foge de nossos questionamentos habituais, na verdade, nos habituamos a fazer uso de estratégias para tentar ultrapassá-la, dentre estas, podemos ilustrar a criação do herói, tal como foi proposta pelo psicólogo existencial Ernest Backer em sua obra (ganhadora do Pulitzer) *The denial of death* (1973), nesta, o autor advoga a existência de um Eu físico e um Eu simbólico e este segundo, cria, enquanto instrumento de transcendência da morte, o herói, e este é arquitetado com o intuito de permitir ao indivíduo se apropriar de um significado, um propósito, alguma coisa que nunca morra.

Já Yalom, apresenta outros dois artifícios que usamos para intentar ir além da morte: o primeiro caracteriza-se pela postura do “último salvador”, nesta, o indivíduo busca o consolo na presença de um salvador que venha a conduzi-lo para uma vida eterna vencendo a morte. O indivíduo que acaba por buscar tal saída está sempre à procura deste ser onipotente que venha a nos resgatar das garras da morte, este outro dominante, que nos proteja e nos conduz, no entanto, na medida em que o indivíduo perde a sua referência neste outro salvador, tal indivíduo passa por profunda depressão e ansiedade. Já, no segundo estratagema, este se caracteriza pela crença na “especialidade”, quer seja, uma qualidade interna tão especial que, necessariamente, esta unicidade não permitirá que ele morra. Dito de outro modo, os seres humanos acabam por criar uma poderosa e profunda crença de que a sua individualidade é inviolável, invulnerável e imortal. Embora possamos no plano racional questionar tal crença, esta se encontra arraigada em nós em um plano mais profundo, a nível inconsciente e isto faz com que acreditemos que as leis de vida e morte que compõe a seara da biologia, não seja aplicada a nós mesmos.

No entanto, as reverberações da morte do herói maior, manifestada na “morte de Deus” tal como promulgadas por Nietzsche (2003), fazem-se sentir nesta teoria psicoterapêutica, isto porque, ainda que em Frankl (na psicoterapia) e em Martin Buber (na filosofia) há claramente um viés espiritual, a leitura que esta teoria faz da morte é semelhante



à proposta nietzschiana posto que “a morte de Deus significa que já não podemos dar sentido à idéia que o valor da vida é imposto à mesma por fora. Isso, por sua vez, sugere que nós mesmos devemos de alguma maneira, ser responsáveis pela mesma” (HAVAS, 1992, p. 233)

Esta apropriação filosófica do pensador de Röcken pode ser vista claramente na postura adotada de não negação da realidade da morte, posto que, um dos estratagemas que esta teoria utiliza para o fortalecimento do indivíduo, baseia-se justamente em fazer com que a morte seja colocada em seu horizonte de reflexão. Para tanto, é comum, que se apresente aos indivíduos situação hipotética tais como as que se seguem: Se fosse para você escrever o seu epitáfio, o que escreveria? Se você tivesse somente um mês de vida, o que faria? Ou então, se você descobrisse que iria viver eternamente, você adotaria as mesmas atitudes em relação a quem ama?

A importância de se adotar tal conduta pode ser exemplificada na consideração de Rollo May (1977) quando este afirmou que “A morte é o único aspecto da minha vida que não tem valor relativo e sim absoluto; meu reconhecimento consciente desta particularidade comunica a minha existência e o quanto há em minuto a minuto um caráter absoluto.” (p.72).

Em razão do exposto, podemos concluir que as reverberações do pensamento filosófico existencialista relativo à morte e ao morrer amalgamam as teorias e práticas da terapia existencial e que estas buscam fazer, em síntese, que o indivíduo perceba que “se o ser é interpretado em termos de vida, ou processo, ou vir a ser, o não-ser é ontologicamente tão fundamental quanto o ser” (TILLICH, 1967, p. 23)

Ser imortal é insignificante; com exceção do homem, todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o terrível, o incompreensível é saber-se imortal.



REFERÊNCIAS

- BECKER, Ernest. **The denial of Death**. New York: The Free Press, 1973, 314 pag.
- BINSWANGER, Ludwig. Über daseinanalytische Forschungsrichtung in der Psychiatrie, 1947, In **Ausgewählte Werke**, 4 v. Heidelberg, Asanger, 1992.
- BORGES, Jorge Luis. **O Imortal**. Disponível em:
<http://conselheiroacacio.wordpress.com/2008/08/19/o-imortal-jorge-luis-borges/>. Acesso em 27/06/2009.
- BOSS, Medard. **Psychoanalyse und Daseinsanalytik**. Bern, Huber, 1957.
- COREY, Gerald. **Theory and Practice of Counseling and Psychotherapy**. London: Wadsworth Publishing Company, 2000, 550 pag.
- DEURZEN, Emmy Van. **Existential Counselling and Psychotherapy in Practice**. London: Sage Publications, 2002, 256 pag.
- FRANKL, Viktor E. **Logos und Existenz**. Drei Vorträge. Amandus-Verlag, Wien, 1951.
- HAVAS, Randall E. Who Is Heidegger's Nietzsche? (On the Very Idea of the Present Age). In: **Heidegger: A Critical Reader**. Cambridge, USA e Oxford: Blackwell, 1992.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**, parte I, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 23.
- JASPER, K. **The nature of psychotherapy**. Chicago: University of Chicago Press, 1964.
- MALPAS, Jeff & Robert C. Solomon. **Death and Philosophy**. London and New York: Routledge, 1998, 211 + XI pag.
- MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1977. 204p.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 254p.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e O Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____, Jean Paul. In: CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. São Paulo: Abril Cultural, s/d.
- SPINELLI, Ernesto. **The Interpreted World: An Introduction to Phenomenological Psychology**. London: Sage Publications, 2005, 256 pag.
- TILLICH, Paul. **A coragem de Ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, 137 pag.
- YALOM, Irving M. D. **Existential Psychotherapy**. New York: Basic Books, 1980, 400 pag.